

Apresentação

Os artigos deste número de *Polifonia* tratam de uma variedade de temas, tais quais: a relação entre a lingüística e a história a partir da memória social, a expansão dos objetos de aprendizagem e sua adequação ao ensino de línguas, a linguagem politicamente correta sob o viés da Análise do Discurso, a dinâmica do acento vocabular em Português, a linguagem e o estilo característicos do dialeto caipira, a necessidade da escuta das vozes de pais e alunos para compreender o ensino de Inglês na escola pública, as diferenças conceituais de dois modelos de semântica para explicar processos de construção da significação, o labor filológico e a reconstituição da mentalidade de um povo num dado momento histórico e o estudo da tradução como caminho de retorno à língua materna. Juntos, esses artigos ilustram a vasta coleção de questões teóricas, metodológicas e pedagógicas atualmente em estudo no campo dos estudos lingüísticos.

Jean-Jacques Courtine destaca a relação entre as Ciências da linguagem e a História, apresentando um panorama dos principais trabalhos, na França, que estabelecem o diálogo entre a Lingüística e a História, a partir da “memória social, coletiva, em sua relação com a linguagem e a história”. Para Courtine, a linguagem é, por excelência, o tecido da memória, isto é, sua modalidade de existência histórica essencial. Afinal, “que

outros lugares de memória para as palavras senão as próprias palavras?”. De aliança interdisciplinar, construída no quadro do marxismo, às instituições de linguagem como campos em que se entrecruzam as problemáticas da lingüística e da história, a relação entre ambas marca-se pelas conseqüências da renovação de perspectivas que a “história das mentalidades” introduziu em relação à existência histórica das práticas languageiras. Para o autor, é preciso explorar, na ordem dos discursos, os modos de existência da materialidade da língua, suas práticas languageiras da memória coletiva. Conhecer o modo como “a memória determina a ordem do enunciável” é (re)conhecer o jogo político e cultural em que a memória desempenha papel crucial.

Vilson J. Leffa introduz o conceito de *objeto de aprendizagem* (OA) e apresenta suas características, avaliando a adequação de cada um e sua contribuição ao ensino de línguas. Quanto ao enfoque nos arquivos digitais (texto, imagem, ou vídeo), o autor relaciona um conjunto de *repositórios*, ou acervos eletrônicos, disponíveis para acesso e mantidos em diversos países, incluindo o Brasil. Leffa afirma que “a ênfase dada à estrutura e às características específicas do objeto ... teve como conseqüência a retirada da aprendizagem”, e opõe as perspectivas cognitivista e interativa para caracterizar a pesquisa na teoria dos *objetos de aprendizagem*. Concluindo seu texto, ressalta a necessidade de implementação de estudos na área e de

desenvolvimento de novos OAs, para que contribuam mais efetivamente para o ensino de línguas.

Sírio Possenti e **Roberto Leiser Baronas** discutem “o velho e insolúvel problema da relação entre som e sentido”, ao analisarem o uso politicamente correto da linguagem. À luz da Análise do Discurso, buscam verificar em que medida a textualização do politicamente correto, sob a égide de uma concepção que afirma a transparência da língua e a evidência dos sentidos, se constitui em um discurso totalitário ou naquilo que chamam de “língua de madeira”. Mediante exemplos em diferentes gêneros discursivos, concluem que o movimento por um comportamento politicamente correto, apesar de seus méritos, comete alguns equívocos em relação à linguagem, ao fundamentar seus principais argumentos na crença ingênua de que a troca de palavras marcadas por palavras não-marcadas ideologicamente pode produzir diminuição de preconceitos.

Hildo Honório do Couto aborda um aspecto da fonologia suprasegmental do português ainda pouco explorado pelas pesquisas lingüísticas – o acento vocábulo. Não se trata de um assunto virgem, assinala o autor, mas de uma questão complexa que está longe de ser compreendida e explicada satisfatoriamente, apesar da sofisticação formal evidenciada por alguns dos estudos já realizados. Couto ressalta seu modesto propósito de apresentar algumas tendências a presidir a dinâmica do acento em Português, tendências que não podem ser desconsideradas por

quem quer que venha a estudar a questão, independentemente da orientação teórica adotada. Conquanto o português seja uma língua de acento livre, a paroxitonidade constitui a sua alma, por assim dizer, característica que a faz repelir fortemente – como elemento estranho – a proparoxitonidade. Assim, “os padrões acentuais do português vão desde o não-marcado (paroxitonidade), passando pela segunda opção de não-marcado (oxitonidade), até chegar ao mais marcado (proparoxitonidade)”.

Joyce Elaine de Almeida analisa a canção “Viola Quebrada”, composta por Mário de Andrade. Recorre para tanto a conceitos urdidos por disciplinas do campo da lingüística, mais precisamente, pela sociolingüística e pela lingüística histórica. A autora re-visita os conceitos de língua, norma e uso e as discussões acerca do português brasileiro. Subsume que a língua é uma realidade heterogênea quer do ponto de vista diacrônico, quer do ponto de vista regional, quer do ponto de vista social. Em seguida procede à análise da canção propriamente, dando relevo às metáforas telúricas e aos traços lingüísticos que evocam a cultura e a linguagem caipira. Assinala que Mário de Andrade foi um dos primeiros escritores brasileiros a resgatar musicalmente o dialeto caipira e a conferir-lhe cidadania.

Maria Helena Moura Dias e **Ana Antônia de Assis-Peterson** abordam um tema ainda pouco explorado nas pesquisas relacionadas ao ensino de língua estrangeira (inglês) em escolas públicas: a escuta de vozes dos atores da família. Adeptas de uma

visão de ensino que aborda a dimensão social da linguagem, as autoras acreditam que a linguagem é uma prática construída pelos modos como entendemos a nós mesmos na nossa relação com o outro, com o ambiente social, nossas histórias e possibilidades de futuro. Argumentam que a escuta de pais e alunos como partícipes da vida escolar não pode continuar a ser ignorada ou negligenciada, se quisermos viabilizar uma escola que acolha a participação ativa de seus membros e aceite habilidades de pensamento crítico que vão além do que a escola tem oferecido até agora, bem como se quisermos construir um currículo alternativo, focalizando a natureza do conhecimento como socialmente negociado e pessoalmente relevante para professores e alunos.

Maria Célia Lima-Hernandes, mediante a apresentação de dois modelos de semântica, um formalista de base filosófica e outro funcionalista de base discursivo-pragmática, arrolando suas diferenças conceituais, busca explicar que, na composição da significação pragmática, conhecimentos culturais e contextuais, junto a conhecimentos lingüísticos, são mobilizados para resolver possíveis ambigüidades no processo comunicativo. Para a autora, o modelo composicional é necessário, mas não suficiente para explicar todos os processos de construção da significação.

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, examinando dois verbetes que integram o THESOVRO DA LINGOA PORTVGVESA, composto pelo Padre Jesuíta Bento Pereira e publicado em 1647,

busca dar corpo a uma das vocações do labor filológico – o estudo largo e profundo dos textos, visando à reconstituição da mentalidade de um povo ou de uma comunidade num dado momento histórico. O autor destaca sua intenção de trazer à tona o pensamento, a cultura portugalense seiscentista, que, pela análise do *Thesouro*, se torna observável na extensão semântica de cada um dos seus verbetes. Para além de sua função estrita, a filologia é apresentada como uma ciência que tem muito a dizer sobre os itinerários sócio-culturais de uma civilização, ao escarafunchar a história das palavras.

Sergio Flores Pedroso assume a tradução como caminho de retorno à língua materna. A linguagem, em sua não-transparência, incompletude e polissemia, constitui-se no social, determinado pelas condições históricas e invadido pela ideologia, “focalizada processualmente enquanto mecanismo de produção de uma idéia”. No trânsito entre “a língua de partida e a língua de chegada”, o produto resulta de uma interpretação, comparação, do sujeito-tradutor, com vistas a torná-lo inteligível, consideradas as novas condições de produção. É dessa “injunção contrastiva da interpretação” que nasce a “coerência interna do texto na língua para a qual se traduz”.

RESENHA: Também, nesta edição, **Daisy da Silva César** e **Jussara Maria Zilles** apresentam uma resenha de um livro didático de língua inglesa, elaborado por cinco professores que lecionam em escolas públicas, destinado a jovens e adultos (EJA)

das escolas públicas brasileiras. Com base em suas experiências pedagógicas, os professores elaboraram as unidades do livro por meio de temas relacionados com a realidade social e política, bem como com as vivências cotidianas do jovem/adulto brasileiro, incentivando-o à reflexão e ao espírito crítico. Esse livro é uma exceção bem vinda e necessária ao cenário brasileiro de ensino de língua inglesa no Brasil.

Maria Inês Pagliarini Cox
Ana Antônia de Assis-Peterson